

UM INQUÉRITO AO ARTESANATO DOS AÇORES

por
RUI DE SOUSA MARTINS *

INTRODUÇÃO

1. RAZÕES DE UM PROJECTO

A Secção de Antropologia Cultural (Departamento de História) da Universidade dos Açores iniciou no ano lectivo de 1979-80 a realização de um inquérito aos artesãos e ao artesanato das ilhas açorianas.

O inquérito visa a recolha sistemática e intensiva de elementos sobre as unidades especializadas de produção artesanal (moinhos, latoarias, olarias, etc.) rurais e urbanas; o artesanato doméstico, cuja produção se destina ou destinava a ser consumida no círculo familiar e o trabalho de artistas-artesãos cuja actividade criativa não é a ocupação principal.

Considerámos que a realização deste inquérito se revestia da maior urgência em face da rápida mudança sócio-cultural a que assistimos na Região, acompanhada de uma generalizada destruição do património etnológico.

* Do Departamento de História da Universidade dos Açores.

Os projectos de etnologia de urgência, já concluídos ou em curso na Universidade dos Açores, revelaram-se manifestamente insuficientes para fazer face ao acelerado desaparecimento das artes e tradições populares açorianas.

Havia, pois, que organizar rapidamente um *banco de dados* sobre o artesanato regional que servisse de base a futuros trabalhos de investigação etnológica e fonte de informações para pessoas ou instituições interessadas.

A recolha de dados está a ser feita por meio de um inquérito por questionário, administrado pelos alunos da disciplina de Antropologia Cultural da Universidade dos Açores. A realização deste trabalho tem igualmente finalidades pedagógicas que importa referenciar.

Parte-se do pressuposto de que o estudo da Antropologia Cultural é indissociável da prática etnológica e por isso os alunos são solicitados a fazer uma pesquisa de campo sobre o artesanato da Região. O trabalho de cada aluno consiste no preenchimento de um questionário, através de várias entrevistas com um artesão.

Paralelamente, poderá recolher objectos de interesse etnográfico, sendo-lhe fornecida para o efeito uma ficha própria e o trabalho deve ser enriquecido, sempre que possível, com desenhos e fotografias.

Com base no questionário e no material recolhido, o aluno faz um relatório, onde desenvolve aspectos não contemplados pelas perguntas do questionário e expõe alguns problemas respeitantes à actividade estudada.

Ao aluno é dada uma bibliografia especializada que contribua para o familiarizar com a arte sobre a qual se vai debruçar. Deste modo, pretende-se levar o estudante de etnologia a contactar com a pesquisa de campo, o que é sempre uma experiência enriquecedora tanto no campo científico como no humano. Simultaneamente, pretende-se despertar um interesse comungante pelos valores espirituais e materiais que integram o universo da cultura tradicional açórica.

2. O QUESTIONÁRIO

2.1. *O questionário do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra*

O curso de etnologia de 1979-80 utilizou um questionário elaborado no Museu e Laboratório Antropológico (M.L.A.) (Instituto de Antropologia) da Universidade de Coimbra. Este questionário foi organizado pelo Dr. Henrique Coutinho Gouveia¹, então responsável pela Secção de Museologia daquele Instituto, e teve a nossa colaboração assim como a de outros colegas que animaram a vida cultural daquela instituição durante alguns anos.

A versão existente em 1980, e que apresentamos em anexo (B), tinha sido várias vezes *«testada e corrigida de acordo com os resultados de sucessivas aplicações»*² a cargo de alunos e de outros colaboradores interessados. Portanto, desde o início, este questionário apresentou-se como um utensílio dinâmico cujo aperfeiçoamento resultou de um diálogo estabelecido entre as normas científicas, os inquiridores e a realidade questionada, no sentido de uma maior adequação aos objectivos pretendidos.

É preciso explicar ainda que ele não surgiu ligado a um inquérito com finalidades meramente científicas, sendo antes a tarefa fundamental de um vasto programa de preservação e incremento do artesanato regional, em que colaboravam o Instituto de Antropologia e a Câmara Municipal de Coimbra.

¹ O Dr. Henrique Coutinho Gouveia é actualmente Director do Departamento de Etnologia do Instituto Português do Património Cultural.

² Henrique Coutinho Gouveia, *Preservação e incremento do artesanato regional (Relatório de actividades)*, cópia dactilografada com data de 2 de Novembro de 1978, Museu e Laboratório Antropológico, Coimbra, 1978, p. 3.

A fim de apoiar o projecto, o Museu constituiu um núcleo de documentação especializada sobre artesanato que foi divulgado através de uma «bibliografia temática»³. Como formas de acção complementares ao inquérito montaram-se exposições temporárias que tinham por tema manifestações do artesanato local e deu-se apoio técnico-científico à casa do Artesanato da Região de Coimbra⁴.

O questionário elaborado no Instituto de Antropologia tem 83 questões divididas em nove capítulos: *Elementos de identificação pessoal; Formação profissional; caracterização da actividade desenvolvida; Caracterização da produção; Condições do local de trabalho; Escoamento e comercialização da produção; Apoios comerciais e financeiros e encargos fiscais; Saúde e assistência social; Estágios de artesanato.*

Os elementos recolhidos foram organizados em dois ficheiros sistemáticos, de acordo com a localização geográfica do artesão e o tipo de actividade desenvolvida.

2.2. *O Questionário da Secção de Antropologia Cultural da Universidade dos Açores*

A administração do questionário do M.L.A. nos Açores veio confirmar a necessidade de se rever a versão estabelecida. Era essa a nossa ideia há bastante tempo e, ao encontro dela, vieram as inúmeras críticas e sugestões dos alunos que

³ Henrique Coutinho Gouveia, *Artesanato e papel dos museus na sua preservação e promoção*. Bibliografia temática, Museu e Laboratório Antropológico, Coimbra, 1978.

⁴ Para além do exposto nas páginas 6, 7 e 8 do relatório citado, uma análise de trabalho efectuado foi desenvolvida em comunicação apresentada ao Colóquio Sobre o Artesanato, realizado em Coimbra de 8 a 11 de Novembro de 1979. Henrique Coutinho Gouveia, *O papel do Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra na preservação e fomento do artesanato*. Actas do Colóquio Sobre Artesanato, Coimbra, 1982, pp. 81-99

o utilizaram. Pensámos que se devia modificar a organização do questionário, adequando-o melhor à estrutura do processo de produção artesanal, aperfeiçoar a formalização de muitas questões e traçar quadros que permitissem uma melhor sistematização dos elementos recolhidos nas entrevistas. Mantiveram-se porém, muitas das perguntas do inquérito-base, acrescentaram-se outras e eliminaram-se aquelas que não estavam ligadas aos objectivos do nosso inquérito. Foi decidido também identificar, no fim do questionário, os seus autores, a instituição responsável pela sua aplicação e as finalidades que prossegue.

A presente versão do questionário da Universidade dos Açores (anexo A) é constituída por 70 perguntas estruturadas em 13 capítulos: *Elementos de identificação pessoal; Formação profissional do artesão; Características e condições do local de trabalho; Organização do trabalho artesanal; Utensílios de trabalho; Matérias primas utilizadas; Objectos produzidos; Circulação dos produtos artesanais; Encargos fiscais; Saúde e assistência social; Apoios públicos e privados à actividade artesanal; Perspectivas futuras; Receptividade encontrada no preenchimento do inquérito.*

Devido ao seu carácter rígido, o inquérito tem de ser repensado pelo inquiridor ao longo das entrevistas, pois há perguntas que interessam a uma actividade mas não se aplicam a outras.

Durante as entrevistas, surgem normalmente pormenores do maior interesse não previstos pelo questionário e que, como vimos, devem ser recolhidos no relatório anexo.

Sem pretender ser exaustivo nem profundo, o questionário pode oferecer dificuldades de compreensão para os não iniciados e, por isso, o seu preenchimento tem de ser acompanhado, na medida do possível, pelo docente responsável. O resultado final acaba por depender muito do entrevistador, do seu interesse e cuidado e, sobretudo, da sua vocação para este tipo de trabalho. A diversidade de entrevistadores exige uma revisão posterior dos questionários e muitas vezes a correcção dos mesmos com novas entrevistas.

Os elementos recolhidos são organizados em vários ficheiros especializados, integrados nos arquivos científicos de documentação etnológica da Universidade dos Açores, onde podem ser consultados. As pessoas e instituições interessadas no estudo, promoção e divulgação das nossas tradições populares passaram a dispor de uma valiosa fonte de elementos, alguns dos quais já impossíveis de obter no terreno. Este trabalho integra-se portanto numa das dimensões fundamentais da Universidade: o serviço da comunidade. Nesta perspectiva, a ciência etnológica que tem como finalidade específica o conhecimento global do homem, pode e deve desempenhar um papel importante na defesa e revalorização do património etnológico da Região. Deste modo pretende servir um desenvolvimento equilibrado, justo e humano das suas gentes.

O Inquérito ao Artesanato, que a Universidade dos Açores está a realizar, contribui para uma necessária e urgente política regional e nacional do património etnológico.

ANEXO - A

QUESTIONÁRIO DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

ARTESANATO DA REGIAO AÇORES
ILHA:
QUESTIONARIO N.º

1. ELEMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL:

- 1.1. Nome (de baptismo e por que é conhecido):
- 1.2. Data de nascimento:
- 1.3. Naturalidade (ilha, freguesia, lugar):
- 1.4. Estado:
- 1.5. Composição do agregado familiar:
- 1.6. Habilitações literárias e/ou profissionais:
- 1.7. Tipo de artesanato a que se dedica ou dedicou:
- 1.8. Denominação local da profissão correspondente:
- 1.9. Regime de trabalho profissional ou amador:
- 1.10. Se já não exerce actividade artesanal qual o tipo de razões que motivaram o seu abandono e em que data se efectuou:
- 1.11. Endereço do local de trabalho:
- 1.12. Residência:

2. FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ARTESÃO:

- 2.1. Modo de aprendizagem (ensino pessoal, oficina, escola):
- 2.2. Mestre(s) ou escolas (nomes, locais, datas e duração da aprendizagem):
- 2.3. Idade dos mestres na época:
- 2.4. Idade e ano em que se iniciou na profissão:
- 2.5. Artesãos que tenha iniciado na profissão (nomes e locais de trabalho):
- 2.6. O que é considerado como mais necessário para o seu aperfeiçoamento profissional (livros e revistas sobre a profissão; novas ferramentas; reciclagem estagiando noutras oficinas):

3. CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES DO LOCAL DE TRABALHO:

3.1. Tipo do local de trabalho (parte da habitação; construção diferente; no exterior):

3.2. Custo do aluguer, se for o caso:

3.3. Representação do local de trabalho (por meio de um esquema ou de uma planta, indicando as dimensões aproximadas):

3.4. Hipóteses de ampliação ou melhoria da oficina:

4. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ARTESANAL:

- 4.1. Trabalhador individual (autónimo) que executa todas as tarefas que conduzem ao produto acabado:
- 4.2. Cooperação alargada de trabalhadores eventuais conforme as necessidades do trabalho. Tipo de colaboração que prestam:
- 4.3. Cooperação restrita a determinado(s) indivíduo(s). Idade e sexo dos colaboradores. Que tipo de colaboração prestam:

- 4.4. Quem organiza o trabalho na oficina e que tipo de relações profissionais e familiares existem entre os seus componentes:
- 4.5. Modo de remuneração dos colaboradores (por objecto ou parte produzida; assalariamento; empreitada):
- 4.6. Quantitativos dispendidos com essas remunerações:
- 4.7. O trabalho do artesão constituiu e constitui a ocupação ou profissão principal:
- 4.8. Horário médio de trabalho como artesão:
- 4.9. Esse trabalho permite-lhe sustentar a família:
- 4.10. Outras ocupações profissionais ou subsidiárias:
- 4.11. Essas actividades são também remuneradas:

5. **UTENSÍLIOS DE TRABALHO:** designação e nomes das partes componentes; utilização e funções; fabrico artesanal ou industrial (A ou I); modo de aquisição, data aproximada e custo:

| Designação | Utilização e funções | Fabrico | Aquisição |
|------------|----------------------|---------|-----------|
| | | | |

5.1. Quais os obstáculos de maior monta na renovação dos utensílios de trabalho (dificuldades de mercado ou fabrico; preços elevados; qualidade deficiente; etc.):

6. MATÉRIAS PRIMAS UTILIZADAS: designação; proveniência; modo de aquisição; unidades de compra e custos:

| Designação | Proveniência | Aquisição | Custos |
|------------|--------------|-----------|--------|
| | | | |

6.1. Locais de aquisição: denominação, distância aproximada, modo de transporte até ao local de trabalho:

7. OBJECTOS PRODUZIDOS: designação; características morfológicas e funcionais; tempo médio de fabrico (T.M.F.); modelos antigos ou modernos (A ou M); preços por unidade ou conjuntos.

| Designação | Características | T.M.F. | Modelos | Preços |
|------------|-----------------|--------|---------|--------|
| | | | | |

7.1. Produção típica ou atípica da região (ilha, freguesia, lugar):

7.2. Modo de produção (individual, por fases, em série):

7.3. Quantidades médias produzidas (diárias, semanais, mensais ou anuais; por artesão e/ou por oficina):

7.4. Trabalho preferido por cada elemento da oficina:

7.5. Serviços requisitados ao exterior durante o processo produtivo (designação, alugueres e custos):

7.6. Possibilidades e interesse no aumento da produção:

8. CIRCULAÇÃO DOS PRODUTOS ARTESANAIS:

8.1. O artesão vende a sua produção directamente ao público (artesão/vendedor). Locais de venda (oficina, habitação, estabelecimento que possua, festas, feiras ou mercados, venda itinerante). Escoamento dos produtos (à peça, por lotes, em grandes quantidades, totalidade da produção). Pagamento (troca directa, venda a dinheiro):

| Locais de venda | Escoamento dos produtos | Pagamento |
|-----------------|-------------------------|-----------|
| | | |

8.1.1. Modo de transporte dos objectos para os locais de venda:

8.1.2. Encargos derivados da venda dos produtos (transportes, alugueres, pessoal, impostos):

8.1.3. Rendimento médio bruto obtido (diário, semanal, mensal, anual):

UM INQUÉRITO AO ARTESANATO DOS AÇORES

8.2. O artesão vende a sua produção a intermediário(s) (comerciante, armazenista, feirante). Escoamento dos produtos (à peça, por lotes, em grandes quantidades, totalidade da produção. Pagamento (troca directa, venda, a dinheiro, à comissão ou à consignação):

| Intermediários | Escoamento dos produtos | Pagamento |
|----------------|-------------------------|-----------|
| | | |

8.2.1. Rendimento médio obtido:

8.3. Outras formas de circulação dos produtos:

8.4. Variação anual do volume de vendas (por estações, épocas, meses ou datas privilegiadas):

9. ENCARGOS FISCAIS: impostos e taxas a que se encontra sujeito o artesão:

10. SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL:

10.1. Doenças profissionais e acidentes de trabalho que tenham atingido os trabalhadores da oficina:

10.2. Doenças e acidentes não resultantes da profissão mas que impedem o normal exercício da actividade artesanal:

10.3. Assistência a que têm direito em caso de doença e de acidente no trabalho:

10.4. Tipos de assistência a que têm direito na velhice:

10.5. Assistência social prestada aos familiares por morte do artesão:

11. APOIOS PÚBLICOS E PRIVADOS A ACTIVIDADE ARTESANAL:

11.1. Pessoas e/ou entidades oficiais e privadas que têm ajudado o artesão:

11.2. Necessidade de subsídio e outros apoios oficiais. Fins a que se destinam. Formas que devem revestir:

11.3. Frequência do recurso ao crédito bancário. Respectivos juros e condições de reembolso:

12. PERSPECTIVAS FUTURAS:

12.1. Interesse e condições postas à participação em feiras; exposições ou concursos de artesanato (subsídios de transporte e estadia; prémios; aquisição obrigatória do mostruário ou outras):

12.2. Gostaria de ensinar a sua arte numa escola ou até no próprio local de trabalho:

12.3. Como encara o artesão o presente e o futuro do seu ofício:

13. RECEPTIVIDADE ENCONTRADA NO PREENCHIMENTO DO INQUÉRITO:

DATA:

ASSINATURA:

FOTOGRAFIAS:

OBJECTOS RECOLHIDOS:

Questionário elaborado por:

Henrique Coutinho Gouveia. Museu Antropológico da Universidade de Coimbra. Rui de Sousa Martins. Antropologia Cultural. Departamento de História. Universidade dos Açores.

Este inquérito que tem fins científicos e de promoção sócio-económica está a ser realizado na Região Açores pela respectiva Universidade e é preenchido por docentes, alunos ou pessoas que se apresentem credenciadas para o efeito.

A N E X O - B

QUESTIONARIO DO MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ARTESANATO DA REGIÃO DE COIMBRA
QUESTIONÁRIO N.º

I. *Elementos de identificação pessoal*

Nome (de baptismo e por que é conhecido):

Idade:

Naturalidade:

Estado:

Composição do agregado familiar:

Habilitações literárias e/ou profissionais:

Tipo de actividade a que se dedica ou dedicou:

Regime de trabalho profissional ou amador:

Denominação local da profissão correspondente:

Anos de actividade como artesão:

Se já não exerce actividade artesanal qual o tipo de razões
que motivaram o seu abandono:

Endereço da oficina:

Residência:

II. *Formação profissional:*

Modo de aprendizagem (ensino pessoal, atelier, escola):

Mestre ou escolas:

Idade dos mestres na época:

Duração do aprendizado:

Local de aprendizagem:

Idade em que se iniciou na profissão:

Artesãos que tenha iniciado na profissão (nomes e locais de trabalho):

O que é considerado como mais necessário para o seu aperfeiçoamento profissional (livros e revistas sobre a profissão; novas ferramentas; reciclagem estagiando noutras oficinas):

III. *Caracterização da actividade desenvolvida:*

Produção típica ou atípica da região:

Trabalho isolado ou conjuntamente com outros artesãos:

Idade e sexo das pessoas que laboram na oficina:

Quem organiza o trabalho na oficina e que tipo de relações profissionais existem entre os seus componentes:

III. (Cont.)

Descrição das modalidades de diferenciação profissional detectáveis na oficina:

O artesão executa por si a totalidade do trabalho:

Quem o ajuda e que tipos de auxílio lhe presta:

Modo de remuneração dos colaboradores (por objecto ou parte produzida; assalariamento; empreitada):

Quantitativos dispendidos com essas remunerações:

Utensílios de trabalho (designação, características, de uso pessoal ou indiscriminado):

III. (Cont.)

Como obteve os utensílios de trabalho e quais os obstáculos de maior monta na sua renovação (dificuldades de mercado ou fabrico; preços elevados; qualidade deficiente, etc.):

III. (Cont.)

Quais os utensílios cujo fabrico ainda é artesanal:

Custo das ferramentas industriais (denominação, preço de custo e ano aproximado da aquisição):

O trabalho do artesão constitui ocupação ou profissão principal:

Esse trabalho permite-lhe sustentar a família:

Horário médio de trabalho como artesão.

Outras ocupações profissionais ou subsidiárias:

Essas actividades são também remuneradas:

IV. *Caracterização da produção*

Tipo de objectos produzidos (designação; características; preço; tempo médio de fabrico; modelos antigos ou modernos):

IV. (Cont.)

Quantidades médias (semanais, mensais ou anuais; por arte-são e/ou por oficina):

Matérias primas utilizadas (designação; proveniência; modo de aquisição; unidades de compra e custos):

Locais de aquisição (denominação; distância aproximada e modo de transporte até ao local de trabalho):

IV. (Cont.)

Propriedade das matérias primas e outros materiais incorporados:

Principais dificuldades encontradas actualmente na aquisição de matérias primas (preços elevados; quantidades insuficientes; atrasos nas entregas; dificuldades derivadas da importação, etc.):

É usual a constituição de «stocks» ou as compras são feitas à medida das necessidades:

Onde são armazenadas as matérias primas e outros materiais utilizados na produção:

IV. (Cont.)

Trabalho preferido (de cada elemento da oficina):

Modo de produção (individual, por fases ou em série):

Serviços requisitados ao exterior (designação, alugadores e custos):

Possibilidades e interesse no aumento da produção:

V. *Condições do local de trabalho:*

Tipo de local de trabalho (parte da habitação; construção diferente; no exterior):

Custo do aluguer se for o caso:

Representação do local de trabalho ou da oficina (por meio de um esquema ou de uma planta, indicando as dimensões aproximadas):

Utilização do local de trabalho como posto de venda dos objectos produzidos:

Hipóteses de ampliação ou melhoria da oficina:

VI. *Escoamento e comercialização da produção:*

A produção destina-se na sua grande maioria a ser vendida:

Principais locais de venda dos objectos produzidos (oficina ou residência, denominação das feiras ou mercados; localização de estabelecimentos compradores):

Modo habitual de comercialização da produção (venda directa ao público; por intermediário; a armazenistas, feirantes ou comerciantes; paga a dinheiro; vendida à comissão ou consignação):

Modo usual de escoamento da produção (à peça, por lotes, em grandes quantidades, ou a totalidade da produção):

Variação anual do volume de vendas (por estações; épocas, meses ou datas privilegiadas):

VI. (Cont.)

Modo de transporte dos objectos para os locais de venda e possíveis encargos:

Rendimento médio bruto obtido (semanal, mensal ou anual):

Propriedade ou exploração directa de instalações para venda dos objectos produzidos:

Encargos daí derivados (alugueres; pessoal; impostos):

VII. *Apoios comerciais e financeiros e encargos fiscais:*

Existe conhecimento de possibilidades de acesso ao crédito, respectivos juros e condições de reembolso:

Essas possibilidades são usadas (com ou sem regularidade):

Necessidade de subsídios e formas que devem revestir:

Condições postas à participação em feiras ou concursos de artesanato (subsídios de transporte e estadia; prémios; aquisição obrigatória do mostruário ou outras):

Impostos a que se encontra sujeito:

VIII. Saúde e assistência social:

Doenças profissionais que tenham atingido os elementos da oficina:

Doenças que resultam habitualmente deste tipo de actividade artesanal:

Modalidades de assistência a que têm direito na doença:

E em caso de acidente:

Tipos de assistência a que têm direito na velhice:

Assistência social prestada aos familiares por morte:

IX. *Estágios de artesanato:*

Grau de disposição para ensinar temporariamente outras pessoas:

Condições da oficina para tal:

Existência dos utensílios de trabalho necessários:

Em que época do ano poderiam processar-se esses estágios (indicar os meses ou estações):

Condições de remuneração exigidas:

Possibilidades de alojar e alimentar os estagiários.

Existência dessa possibilidade na localidade ou próximo (denominação e características do alojamento):

(Data)

(Assinatura)